

Em torno da problemática da reabilitação vocacional: contributos para um modelo dinâmico-relacional de ajustamento *

Maria Paula Paixão e Eduardo Ribeiro dos Santos **

RESUMO

Os autores procuram através deste artigo reflectir sobre algumas das questões mais importantes que se colocam em torno da problemática da reabilitação vocacional. Neste sentido dão alguns contributos para o esboço de um modelo dinâmico-relacional de ajustamento vocacional que consideram mais adequado à realidade da população com necessidades educativas e ocupacionais especiais.

PALAVRAS-CHAVE: reabilitação vocacional, avaliação dinâmica, ajustamento.

1. SITUAÇÃO ACTUAL E IDENTIFICAÇÃO DE ALGUMAS QUESTÕES PRIORITÁRIAS

As estimativas do número de sujeitos portadores de deficiências atingem elevados índices. Ilustrando esta afirmação, referiremos que se calcula que um quinto da população adulta norte-americana esteja afectada por um de entre os inúmeros tipos de

* Os autores agradecem ao Prof. Doutor Manuel Viegas Abreu, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, a disponibilidade manifestada na orientação científica deste trabalho. As sugestões aqui enunciadas enquadram-se no modelo teórico e de intervenção psicológica que vem sendo desenvolvido por este Autor.

** Assistentes da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. R. Colégio Novo, 3000 Coimbra.

deficiência. Na população em idade escolar esse número deverá ser menor, porque não contabiliza as deficiências adultas típicas como, por exemplo, as causadas por acidentes profissionais; no entanto, ele é ainda significativo, sobretudo se tivermos em linha de conta todo o espectro de incapacidades para além daquelas mais usualmente reconhecidas como tal (e.g., asma, problemas cardíacos, etc.).

Este aspecto da análise quantitativa das diversas categorias de diminuições parece-nos ser a primeira das prioridades de acção para uma correcta intervenção psicológica no desenvolvimento de carreira dos sujeitos deficientes. Conhecer os possíveis "inputs" do sistema educativo quanto à população deficiente poderá melhorar a qualidade do trabalho dos psicólogos em meio escolar, os quais, juntamente com os outros profissionais escolares, deverão adequar as suas estratégias em função dessa análise. Esta análise permitirá, ainda, a intervenção do psicólogo na comunidade de inserção da instituição escolar - dentro de um paradigma relacional - no sentido de procurar uma triagem e um encaminhamento mais correctos possíveis dos jovens deficientes, actuando de um modo concertado com outros técnicos de reabilitação. Por último, a análise quantitativa e qualitativa desta população infantil e adolescente deverá permitir uma reflexão mais profunda sobre a organização do sistema educativo e profissionalizante, de molde a responder às suas reais necessidades e potencialidades.

Outra prioridade no domínio da reabilitação vocacional é, em nossa opinião, a que diz respeito à formação de base (e contínua) dos psicólogos escolares. Enquadrar teoricamente de um modo rigoroso a questão do desenvolvimento vocacional dos jovens deficientes poderá constituir a primeira metodologia de dinamização da acção psicológica. Pensamos que com base na formação inicial dos psicólogos escolares possa vir a constituir-se uma formação especializada que se adequa à intervenção na orientação escolar e profissional dos alunos deficientes.

Neste domínio da conceptualização do comportamento vocacional dos indivíduos deficientes existem trabalhos teóricos e experimentais de grande profundidade e validade psicológicas, dos quais destacamos, pela sua importância histórica, o de Lofquist e Dawis (1969;1978) da Universidade de Minnesota. De um nível de análise traço-e-factor a um nível de compreensão da dinâmica intrapessoal de ajustamento aos cenários organizacionais dos sujeitos deficientes estabelece-se um panorama de antevisão ocupacional que possibilitará, por sua vez, a modulação das práticas dos psicólogos escolares na perspectiva da ligação ao mundo do trabalho.

A reflexão teórica colocará, igualmente, perante os psicólogos escolares questões de ordem de marcação social bastante pertinentes e influentes no comportamento vocacional dos jovens deficientes, como, por exemplo, a da génese dos estereótipos sociais face ao desempenho ocupacional dos sujeitos portadores de diminuições.

Perante a complexidade e o carácter não-modal das questões psicológicas suscitadas pelos indivíduos deficientes, nomeadamente, as que dizem respeito às contingências de sucesso nos desempenhos vocacionais, o psicólogo escolar deverá realizar as suas intervenções em estreita colaboração com os outros agentes sociais e educativos envolvidos no processo de reabilitação. Esta é outra dimensão básica, segundo a perspectiva em que nos colocamos, para a dinâmica da reabilitação vocacional. Para a sua efectivação há que, num primeiro momento, definir as responsabilidades institucionais nas diversas organizações empenhadas na solução deste problema. Do

Estado e organismos públicos às empresas privadas, passando pela instituição familiar, dever-se-ão identificar as diversas formas de cooperação.

No que diz respeito a aspectos mais imediatos e concretos, chamaremos a atenção para a importância do desenvolvimento que é necessário operar nas técnicas de avaliação psicológica. O futuro ajustamento e satisfação do sujeito deficiente em ambientes ocupacionais depende, em larga medida, da correcta avaliação e definição do seu perfil psicológico. Das técnicas psicométricas ortodoxas; à amostragem, simulação e experientiação laboral vai todo um conjunto de métodos de avaliação psicológica que já existe, mas que é necessário fazer evoluir e aperfeiçoar cada vez mais.

Quanto às metodologias de activação do desenvolvimento vocacional dos sujeitos deficientes deve-se referir que o aconselhamento vocacional processado apenas através da consulta psicológica clássica (individual ou de grupo) nem sempre é suficiente. Em muitos casos tem que se recorrer ao treino vocacional, situação que implica a montagem de centros especializados dentro e fora das instituições escolares. Noutros casos, o aconselhamento vocacional prolonga-se até à colocação profissional, acompanhando-a, por vezes, em regime de suporte.

Para além destas perspectivas de actuação dos psicólogos escolares no desenvolvimento de carreiras dos alunos deficientes, outras têm surgido em resposta às características adversas do mundo do trabalho para esta população. Referimo-nos, especificamente, às estratégias de "marketing" relativas ao potencial de empregabilidade dos sujeitos deficientes, que deverá ser demonstrado ainda na sua fase de preparação educativa. Os psicólogos escolares deverão colaborar em campanhas de sensibilização e informação sobre os "ganhos" humanos e financeiros do desempenho profissional dos sujeitos deficientes, mesmo em situações que impliquem adaptações dos postos de trabalho nas empresas.

Independentemente da opção ocupacional adoptada após a fase de preparação educativa (secundária, universitária, etc.), que pode ir desde o posto de trabalho protegido até à total integração, o rigoroso seguimento dos indivíduos deficientes, e a correspondente avaliação, deverão ser o corolário lógico para qualquer forma de intervenção. Este procedimento permitirá, conseqüentemente, a análise da eficácia das metodologias aplicadas e o progresso da investigação científica neste domínio.

Em termos prospectivos, é nossa convicção que é necessário um maior empenhamento a nível político e legislativo, para que se criem condições efectivas para a reabilitação vocacional. Um maior empenhamento na pesquisa, nomeadamente tecnológica, parece-nos, também, necessário para o estabelecimento do pleno direito à construção dos projectos de carreira dos sujeitos deficientes que, não obstante as suas limitações, possuem a plasticidade comportamental comum a todos os seres humanos.

2. PRINCIPAIS PERSPECTIVAS DE INTERVENÇÃO

Concretizar as sugestões que esboçámos não nos parece tarefa fácil e exigirá dos psicólogos escolares posturas, também, não-modais. Na literatura especializada encontram-se diversas fontes de inspiração para a solução dos problemas que focámos (e.g., Bolton,

1982; Hershenson, 1974; Jaques & Kauppi, 1983; Parker & Hansen, 1980; Stolov & Clowers, 1981; Thomas & Berven, 1986; Wright, 1980). Do mesmo modo, as experiências já realizadas ou em fase de ensaio neste domínio trazem-nos ensinamentos relevantes, como é o caso dos "District Projects" (1984) baseados nas normas comunitárias para a integração social dos deficientes (1981) e o Projecto de Transição para a Vida Activa para Jovens com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) na Região Centro (1991).

No entanto e apesar das dificuldades atrás referidas, em face do desenvolvimento recente noutras áreas da psicologia vocacional, permitimo-nos avançar algumas sugestões como contributo para a resolução das questões enunciadas.

No domínio específico da reabilitação vocacional, à semelhança do que se passa no terreno mais vasto da intervenção psicológica em Orientação Escolar e Profissional, nomeadamente no contexto da formação escolar e da formação profissional, consideramos que o aperfeiçoamento de metodologias de activação do desenvolvimento vocacional envolvendo processos de avaliação dinâmica assentes em estratégias metacognitivas concebidas como elementos mediadores das aprendizagens ou dos padrões de realização, constitui uma vertente privilegiada dentro das estratégias de promoção do desenvolvimento vocacional, além de constituir, em simultâneo, uma importante estratégia de "marketing" relativamente ao potencial de empregabilidade do deficiente ou jovem com necessidades educativas especiais (Douet, 1987; Fonseca, 1988; Lidz, 1987).

Na realidade, a reabilitação vocacional caracteriza-se precisamente pela ênfase posta nas potencialidades individuais, na plasticidade estrutural e funcional dos sujeitos e não nas suas deficiências e limitações. Deste modo, a avaliação dos indivíduos no contexto da reabilitação vocacional deve incidir precisamente no seu potencial de adaptação e aperfeiçoamento: é a flexibilidade e a plasticidade dos sujeitos em interacção com os seus contextos de construção comportamental que deve ser avaliada e não um conjunto determinado de características desfavoráveis consideradas como inatas, imutáveis ou irreversíveis.

Tendo em conta que, de um modo geral, potenciais clientes da reabilitação vocacional apresentam atributos sensoriais, motores, cognitivos, afectivos ou comportamentais originadores de padrões accionais pouco funcionais e inibidores da dinâmica construtiva, parece-nos fundamental tentar alterar o estado de "modificabilidade" do organismo (Feuerstein, 1980), recorrendo a processos metacognitivos que ensinam os jovens a pensar sobre os processos de pensamento e as modalidades comportamentais usualmente utilizadas. De entre os processos possíveis podemos referir, a título de exemplo, a implementação de estratégias subjacentes ao comportamento intencional de planificação e consequente optimização dos tipos de estruturação perceptiva e organização cognitiva; refira-se também o desenvolvimento de estratégias de recolha e tratamento da informação (que favorecem a substituição da posição do indivíduo como receptor passivo e muitas vezes pouco competente para uma posição de gerador activo, competente e criador); e, inclua-se ainda, a activação dos componentes da motivação intrínseca subjacentes ao empenhamento em tarefas que os sujeitos percebem como subjectivamente difíceis, uma vez que esta é uma modalidade motivacional que parece ter um impacto considerável ao nível da produção de afectos e comportamentos mais satisfatórios (Blustein, 1990). As mudanças positivas que forem deste modo conseguidas irão permitir a ocorrência de níveis de funcionamento comportamental que facilitam a

transposição dos conteúdos concretos que os sujeitos apreendem em cada momento e da modalidade específica pela qual eles são transmitidos e apreendidos (Feuerstein, 1980).

Na perspectiva relacional e construtivista do comportamento (Abreu, 1985; Abreu *et al.*, 1982; Nuttin, 1985, 1987), na qual enquadrámos o desenvolvimento desta concepção de activação do comportamento no âmbito da reabilitação vocacional, afigura-se-nos indispensável a cooperação activa e eficaz entre a Escola e a Família por um lado, e entre a Escola e o mundo do trabalho remunerado, por outro. Para incrementar a cooperação entre a Escola e a Família importa desenvolver estratégias de orientação dos pais na sua acção educativa, tendo em vista favorecer nos seus filhos a interiorização de estilos de "coping" mais adequados, não só às suas reais capacidades de aprendizagem e aperfeiçoamento construtivo, mas também às exigências laborais das sociedades modernas caracterizadas pela "hiperescolha" e pela mudança acelerada (Toffler, 1970). No que se reporta à cooperação entre a Escola e o mundo do trabalho remunerado, importa prioritariamente incentivar a modificação da estrutura ambiental das próprias escolas e empresas e a modificação dos próprios currículos escolares e de formação profissional no sentido de contemplar a efectivação de protocolos de colaboração entre a Escola e associações autárquicas e empresariais (Ginzberg, 1979).

Do mesmo modo, consideramos que a implementação destas metodologias dinâmicas de activação do desenvolvimento vocacional para as populações com necessidades educativas especiais implica necessariamente um conjunto de alterações estruturais e programáticas profundas ao nível da teoria e prática da formação de professores, devendo estes doravante construir a sua identidade profissional não só em torno da transmissão de conteúdos e respectiva avaliação, mas sobretudo como agentes mediadores procurando aumentar o grau de competência dos seus educandos ao nível da resolução de tarefas relevantes.

Mas em termos de reabilitação vocacional poderemos ainda ir um pouco mais longe no plano da concepção e fundamentação epistemológica das próprias estratégias de intervenção: na realidade, se considerarmos que o problema da escolha, adaptação e inserção profissionais dos jovens com necessidades educativas especiais é fundamentalmente um problema de ajustamento mútuo entre potencialidades e necessidades específicas dos sujeitos, por um lado, e necessidades e especificidades organizacionais (educativas e profissionais) por outro, sendo o desenvolvimento de projectos organizacionais e de carreira função desta dinâmica construtivista entre os dois polos, pensamos que um modelo de decisão vocacional como o avançado por Campbell e Cellini (1981) para a intervenção junto de sujeitos adultos revela um enorme potencial heurístico ao nível da reabilitação vocacional. Isto porque, ao identificarem, segundo uma abordagem do processamento da informação, as principais tarefas ou problemas (com as suas múltiplas componentes) que é necessário resolver em todos os estádios ou fases do desenvolvimento vocacional no sentido de garantir a manutenção de padrões funcionais de interacção (tomada de decisão, implementação de planos, "performance" organizacional/ institucional e adaptação organizacional/institucional), os autores erigiram um sistema classificativo de possíveis problemas vocacionais que permite a avaliação exaustiva, detalhada e precisa, tanto das potencialidades e necessidades individuais de desenvolvimento em contexto organizacional, como das capacidades de

cada instituição (educativa e/ou profissional) em gerar respostas satisfatórias às potencialidades e necessidades individuais. A adopção deste modelo no âmbito da reabilitação vocacional, assunto que pensamos retomar num artigo posterior, implicaria, então, a avaliação do indivíduo e da instituição em cada uma das componentes específicas do processo global de tomada de decisão, não podendo pois incidir sobre características ou atributos considerados isoladamente ou em absoluto, devendo antes recair sobre padrões mais gerais, dinâmicos e complexos de interacção comportamental envolvendo estruturas e dimensões diversificadas.

ABSTRACT

PAIXÃO, M.P. & SANTOS, E.R. (1991). Some issues on Vocational Rehabilitation: a few comments from the dynamic-relational point of view on adjustment, *Psychologica*, 5, 45-51.

In this article the authors think over some of the most important issues that are currently set in the field of vocational rehabilitation. Some comments are made featuring a new dynamic-relational model of vocational adjustment that is likely to be more suitable to the specific needs of those people with special educational and occupational needs.

KEY-WORDS: vocational rehabilitation, dynamic assessment, adjustment.

RÉSUMÉ

PAIXÃO, M.P. & SANTOS, E.R. (1991). Autour du thème de la Réhabilitation Vocationnelle: quelques commentaires sous le point de vue dynamique-relacionnel d'ajustement, *Psychologica*, 5, 45-51.

Les auteurs essayent a travers cet article de mettre en évidence quelques problèmes importants qui se posent actuellement dans le domaine de la réhabilitation vocationnelle. Quelques contributions pour un nouveau modèle d'ajustement dynamique-relacionnel sont esquissées et proposées comme étant une réponse valable aux demandes spécifiques des jeunes ayant des besoins éducatifs particuliers de formation éducationnelle et professionnelle.

MOTS-CLÉ: réhabilitation vocationnelle, évaluation dynamique, ajustement.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M.V. (1985). Orientação escolar e profissional e desenvolvimento da personalidade. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 1, 95-101.
- ABREU, M. V. et al. (1982). O Psicólogo na Escola - Dos modelos de organização escolar aos modelos de prática psicológica. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, t. CXLVI, 4, 219-227.
- BLUSTEIN, D.L. (1988). The relationship between motivational processes and career exploration. *Journal of Vocational Behavior*, 32, 345-357.
- BOLTON, B. (Ed.) (1982). *Vocational Adjustment of Disabled Persons*. Baltimore: University Park Press.
- CAMPBELL, R.E. & CELLINI, J.V. (1981). A diagnostic taxonomy of adult career development problems. *Journal of Vocational Behavior*, 19, 175-190.
- DAWIS, R. V. & LOFQUIST, L. H. (1978). A note on the dynamics of work adjustment. *Journal of Vocational Behavior*, 12, 76-79.

- DOUET, B. (1987). Le programme d'enrichissement instrumental: la théorie de l'apprentissage médiatisé. *Education Permanente*, 88/89, 151-164.
- EUROPEAN COMMISSION NETWORK OF DISTRICT PROJECTS FOR DISABLED PEOPLE (1984). *Periodical Bulletin*, 1, INTERACT, Brussels.
- FEUERSTEIN, R. (1980). *Instrumental enrichment. An intervention program for cognitive modifiability*. Baltimore: University Park Press.
- FONSECA, V. (1988). Introdução ao Programa de Enriquecimento Instrumental (P.E.I.) de R. Feuerstein. *Educação Especial e Reabilitação*, 1 (2), 10-43.
- GINZBERG, E. (1979). Guiding the disadvantaged. In S. Weinrach (Ed.), *Career Counseling: theoretical and practical perspectives*. New York: McGraw-Hill.
- HERSHENSON, D.B. (1974). Vocational Guidance and the handicapped. In E.C. Herr (Ed.), *Vocational Guidance and Human Development*. Washington, D.C.: University Press of America.
- JAQUES, M. E. & KAUPPI, D. W. (1983). Vocational Rehabilitation and its Relationship to Vocational Psychology. In W. B. Walsh & S.M. Osipow (Eds.), *Handbook of Vocational Psychology. Vol. 2: Applications*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- JOURNAL OFFICIEL DES COMMUNAUTÉS EUROPÉENES (1981). Résolution du Conseil et des représentants des gouvernements des états membres réunis au sein du Conseil du 21 Décembre 1981 concernant l'intégration sociale des handicapés, n° C/347, 1-20.
- LIDZ, C.S. (1987). *Dynamic assessment. An interactional approach to evaluating learning potential*. New York: The Guilford Press.
- LOFQUIST, L. H. & DAWIS, R. V. (1969). *Adjustment to work*. New York: Appleton-Century Crofts.
- LOPES, A. (1991). *Projecto de Transição para a Vida Activa para Jovens com Necessidades Educativas Especiais (N.E.E.) na Região Centro*. Direcção Regional de Educação de Coimbra.
- NUTTIN, J. (1985). Le fonctionnement de la motivation humaine. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 14, 91-103.
- NUTTIN, J. (1987). Développement de la motivation et formation. *Education Permanente*, 88/89, 97-110.
- PARKER, R. M. & HANSEN, C. E. (Eds.) (1980). *Rehabilitation Counseling: Foundations - Consumers - Service Delivery*. Boston: Allyn & Bacon.
- STOLOV, W. C. & CLOWERS, M. R. (Eds.) (1981). *Handbook of Severe Disability*. Washington, D.C.: Rehabilitation Services Administration, U.S. Department of Education.
- THOMAS, K. R. & BERVEN, N. L. (1986). Providing Career Counseling for Individuals with Handicapping Conditions. In N. Gysbers et al., *Designing Careers*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- TOFFLER, A. (1970). *Choque do futuro*. Lisboa: Livros do Brasil.
- WRIGHT, G.N. (1980). *Total Rehabilitation*. Boston: Little, Brown.